



**EIXO TEMÁTICO:**

- |  |   |  |
|--|---|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade                 | <input type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania          |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade                | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade      | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input checked="" type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade |   |  |

## **Um método de análise tipológica para áreas de preservação patrimonial: Cinelândia, Rio de Janeiro**

*A method of typological analysis for heritage protection areas: Cinelândia, Rio de Janeiro*

*Un método de análisis tipológico para áreas de conservación patrimonial: Cinelândia, Rio de Janeiro*

MEIRELLES, Guilherme (1);

(1) Doutorando, Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, PROURB, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; email: guilemmm@hotmail.com

## **Um método de análise tipológica para áreas de preservação patrimonial: Cinelândia, Rio de Janeiro**

*A method of typological analysis for heritage protection areas: Cinelândia, Rio de Janeiro*

*Un método de análisis tipológico para áreas de conservación patrimonial: Cinelândia, Rio de Janeiro*

### **RESUMO**

Gianfranco Caniggia (1979/1995) define o tipo na arquitetura tanto como uma pré-projeção de um edifício ainda a ser realizado, quanto como uma síntese das características físicas comuns a objetos arquitetônicos já existentes. Focando-se na dualidade presente no tipo, este artigo apresenta um método de classificação tipológica para edificações que incorpora a análise da forma, imagem e história destas arquiteturas. A metodologia propõe a criação de um inventário tipológico que apresente uma versão sintética das características dos edifícios analisados, que pode vir a ser apropriado no estabelecimento de diretrizes para inserções arquitetônicas contextuais ao seu entorno, permitindo preservar a ambiência urbana quando empregadas em áreas de preservação patrimonial. A Cinelândia, no Centro da Cidade do Rio de Janeiro, foi escolhida como estudo de caso na demonstração desta metodologia proposta. Incluída na área de proteção do Corredor Cultural, a Cinelândia apresenta um tecido urbano com transformações empreendidas desde os fins do século XIX até a década de 1970, produzindo uma variada gama de tipologias arquitetônicas, verificadas em seu inventário tipológico resultante.

**PALAVRAS-CHAVE:** tipologia, morfologia urbana, patrimônio, Rio de Janeiro

### **ABSTRACT**

*Gianfranco Caniggia (1979/1995) establishes type in architecture as both a pre-projection of a building yet to be designed, and as synthesis of the physical attributes common to buildings already constructed. Focusing on this duality of type, this paper presents a method for typological classification of architectural buildings that incorporates the analysis of said objects form, image and history. The attempt of this method is to create a typological inventory that presents a summarized version of the physical characteristics of the analyzed buildings, which could be used in establishing directives for architectural insertions that are contextual to their surroundings, maintaining its urban ambience especially when applied in heritage protection areas. The paper presents Cinelândia, an area in Downtown City of Rio de Janeiro, as case study for this proposed method of typological analysis. Included in the protection area of the Corredor Cultural, Cinelândia seems an appropriate choice, as its urban fabric has been in constant transformation since the late 19th century up to 1970's, producing a diverse array of distinct architectural types, verified in the method's resulting typological inventory.*

**KEY-WORDS:** typology, urban morphology, heritage, Rio de Janeiro

### **RESUMEN**

*Gianfranco Caniggia (1979/1995) define el tipo en arquitectura como una pre-proyección del edificio aún no construido, así como una síntesis de las características físicas comunes a los objetos arquitectónicos ya construidos. Centrandose en esta dualidad del tipo, este artículo presenta un método de clasificación tipológica de las edificaciones incorporando el análisis de la forma, la imagen y la historia de estos objetos. La metodología propone crear un inventario tipológico que determine de forma sintética las características físicas de los edificios examinados, que podrá ser utilizado para establecer directrices que logren inserciones arquitectónicas coherentes con el entorno, de forma que preserven el ambiente urbano al ser aplicadas en áreas de conservación patrimonial. Este artículo presenta Cinelândia, en el*



*Centro de la Ciudad de Rio de Janeiro, como estudio de caso para demostrar la metodología propuesta. Incluida en el área de protección del Corredor Cultural, Cinelândia presenta un tejido urbano cuyas transformaciones ocurridas desde finales del siglo XIX hasta la década de 1970 produjeron una variada gama de tipologías arquitectónicas, verificadas en el inventario tipológico resultante.*

**PALABRAS-CLAVE:** *tipología, morfología urbana, patrimonio, Rio de Janeiro*

## 1 INTRODUÇÃO

O estudo do tipo no espaço urbano é um ponto de importante discussão desde a década de 1950, com o pós-guerra europeu, e a reconstrução das cidades afetadas pelo conflito de resultados devastadores. Neste período, arquitetos italianos encontraram nas formas urbanas históricas um rico vocabulário para as criações futuras, com inspirações para produção de uma arquitetura contextualizada ao seu entorno. Autores como Aldo Rossi e Gianfranco Caniggia, abordam estes ideais em suas obras, e os relacionam ao termo tipo. Rossi afirma que “o tipo é a própria ideia da arquitetura”, e uma constante que se apresenta com características de necessidade reagindo com “as funções, com o estilo, com o caráter coletivo, e o momento individual do fato arquitetônico.” (ROSSI, 2001, p. 27) A esta constante transformação do tipo, Caniggia (1979/1995) dá o nome de processo tipológico, e aponta que o tipo é tanto uma projeção quanto um produto.

O estudo do tipo neste trabalho procura equilibrar esse seu duplo caráter. Na perspectiva da análise da estrutura urbana já existente ele é resultado do processo de identificação e classificação das formas encontradas na cidade, portanto, de extrema relevância na decodificação do espaço urbano. E as categorizações resultantes são, por outro lado, um inventário de formas para produção arquitetônica e síntese das características que podem vir a ser inseridas contextualmente à ambiência do entorno.

Propõe-se aqui a criação de um método de classificação tipológica das edificações, com apoio de obras que focam a decodificação da cidade. O método proposto divide-se em três eixos de análise do espaço urbano – a forma, a imagem e a história – com objetivo de produzir classificações tipológicas.

No que se refere à forma, relacionam-se os lotes urbanos das edificações, e as volumetrias resultantes da ocupação destas. A obra de Caniggia (1979/1995) é base desse critério de classificação, sendo o único autor que trabalha explicitamente com tipologias, identificando-as através da análise cartográfica. Já a obra de Lamas (1993/2010) possui uma abordagem focada na produção de um inventário dos elementos morfológicos que compõem a cidade. Sua proposta em reconhecê-los através de múltiplas escalas analisadas foi adotada no desenvolvimento da metodologia.

Com relação à imagem foram abordados elementos referentes à estética da edificação, como a linguagem arquitetônica e suas características construtivas. Conceitos de Cullen (1961/2008), acerca da percepção da paisagem urbana foram associados a esta análise.

O elemento da história é essencial na compreensão da morfologia urbana. Tendo o espaço construído como resultado das ações do homem no suporte físico-geográfico, cada edificação produzida é reflexo de determinados períodos históricos. Para este critério de análise, adotou-se a obra de Kostof (1991/1993).

Um dos objetivos nesta investigação é demonstrar a aplicação da metodologia em um objeto concreto. Para Panerai (1999/2006, p. 12), “conhecer a forma das cidades e reconstituir sua

história é também orientar uma maneira de projetar”. Portanto, o inventário tem como perspectiva servir como um vocabulário arquitetônico que permita estabelecer diretrizes de produção de novas arquiteturas contextualizadas ao entorno, visando preservar a integridade do conjunto edificado, ao minimizar os contrastes de efeito negativo na paisagem urbana. Essa proposta ganha maior relevância quando articulada a áreas de proteção patrimonial, nas quais se preservam não só as arquiteturas singulares, como também a ambiência do conjunto edificado que compõe o tecido urbano valorizado.

No caso da Cinelândia, no Centro da Cidade do Rio de Janeiro, a área encontra-se protegida pelo Corredor Cultural, com legislação proveniente da década de 1980. Contudo, seus lotes passíveis de renovação arquitetônica possuem diretrizes meramente volumétricas para novas construções, definindo seu alinhamento nas vias, e a altura estabelecida para estas edificações. Logo, temos essa área preservada da cidade sendo modificada através de simples projetos de alinhamento. A ambiência urbana que se preserva seria apenas um conceito volumétrico? O trabalho parte da hipótese de que esta é uma noção equivocada, portanto, a metodologia adotada incorpora uma análise morfológica que contempla não só a forma, como também a imagem e história do conjunto urbano.

## 2 O MÉTODO DE ANÁLISE TIPOLOGICA E SEUS CONCEITOS

Para explicitar os critérios do método proposto, é preciso conceituar o elemento escolhido como produto de decodificação da cidade: o tipo. Seu emprego no estudo arquitetônico remonta à Quatremère de Quincy, em “Dictionnaire historique d'architecture”, de 1832, estabelecendo que o tipo “é um objeto a partir do qual cada um pode conceber obras que não se assemelham entre si. Tudo é preciso e dado no modelo; tudo é mais ou menos vago no tipo.” (QUATREMÈRE DE QUINCY apud PEREIRA, 2008. p. 303-305)

O autor também afirma que o tipo designa “certas formas gerais e características do edifício que as recebe” (Ibidem, p. 309). Logo, o tipo arquitetônico toma forma como um padrão composto por uma série de elementos passíveis de identificação. Rafael Moneo (1978, p. 23) aborda essa noção, ao afirmar que “[o tipo] pode ser simplesmente definido como um conceito que descreve um grupo de objeto caracterizados pela mesma estrutura formal. [...] Poder-se-ia dizer, inclusive, que o tipo significa o ato de pensar em grupo.” Panerai (1999/2006, p. 127) sintetiza esses conceitos, declarando que o tipo é “um objeto abstrato”, fruto das análises que identificam as “propriedades essenciais” de “objetos reais”, através de uma econômica descrição.

Caniggia (1979/1995) estabelece o duplo caráter do tipo. Tomando o edifício como referência, o tipo é a pré-projeção do objeto arquitetônico a ser construído, anterior ao objeto físico realizado. Contudo, ele é assimilado pelo homem através de uma síntese posterior, na qual se relacionam as características em comum dos objetos existentes na cidade.

Partindo do conceito de cidade definido por Kostof, em “*The City Shaped*”, do qual esta é o local onde estão “condensadas as continuidades do tempo e do lugar” (KOSTOF, 1991/1993, p. 16), o espaço urbano é um produto em constante transformação, resultado da superposição de tecidos urbanos, e representante de vários tempos.

Essa noção temporal do espaço urbano também foi apresentada por Caniggia, em “*Lettura dell'edilizia di base*” (1979/1995), no que ele chama de processo tipológico, onde variadas composições do espaço urbano fazem parte de um mesmo tronco, e são representantes de

diferentes momentos de um único *continuum*. Contudo, essa afirmação não ignora que além das continuidades, o espaço urbano também apresente rupturas, produzindo fragmentos urbanos.

Para abordar os fragmentos urbanos, recorre-se novamente a Kostof, com sua afirmação que as cidades são “amalgamas de construções” (KOSTOF, 1991/1993, p. 16). Cullen também se apropria da noção ao desenvolver o conteúdo da paisagem urbana, no qual ele indica que “é natural que [as cidades] evidenciem uma amálgama de materiais, de estilos e de escalas” (CULLEN, 1961/2008, p. 13). Compreender a forma das cidades é, portanto, indissociável de reconhecer as conjugações do espaço urbano.

A metodologia apresentada transita constantemente entre as escalas, abordando tanto elementos ditos como “arquitetônicos”, como ritmo de vãos e linguagem estética, quanto “urbanos”, como a volumetria da edificação e sua relação com o entorno. Uma vez que a proposta tem como objetivo decodificar a forma urbana como um método de compreender a sua composição, é preciso, antes de focar os elementos codificados, reconhecer por completo o universo de análise.

Para realizar essa compreensão do universo estudado é necessário apoiar-se em três bases de conhecimento: cartografia, iconografia e contexto social. Contudo, esta não pode se limitar a uma análise que só reconhece o momento presente, pois a compreensão da forma urbana é um estudo morfológico, que recuperando os conceitos de Lamas, trabalha com “a produção e transformação [do meio urbano através] do tempo”. (LAMAS, 1993/2010, p. 10). É preciso considerar não só a questão da cidade como uma composição de fragmentos físicos, como também de fragmentos temporais.

A leitura através de três componentes de análise – forma, imagem e história, com uma abordagem tanto físico-espacial quanto temporal, promove uma compreensão da forma urbana através do estudo da situação física dos elementos presentes na cidade. Esta se associa aos processos de urbanização para explicitar sua transformação, indicando quais foram os motivos que levaram à sua configuração atual.

Essa análise estruturada nas três componentes resulta, em três grupos de classificações tipológicas. Previamente a essas classificações serão realizados os agrupamentos tipológicos, que reúnem em grupos as edificações através de critérios isolados na análise. Para Panerai (1999/2006, p. 132), essa é “uma fase de observação minuciosa dos objetos”, e somente a partir das “respostas a esses diferentes critérios” é possível elaborar uma “primeira classificação”.

Os agrupamentos tipológicos constituem essas respostas aos critérios, enquanto as categorias tipológicas produzidas ao fim da análise em cada componente (forma, imagem e história) enquadram-se nesta “primeira classificação”. Dentre os critérios analisados na componente da forma, estão: as dimensões e formatos dos lotes no qual se inserem as edificações, a implantação dos edifícios nos lotes, e a volumetria dos objetos arquitetônicos. Na componente da imagem, os critérios investigados foram: a relação entre o edifício e conjunto edificado em seu entorno, o ritmo predominante dos vãos, e a linguagem estético-arquitetônica empregada nas fachadas. Os últimos critérios, da componente da história, englobam a identificação do momento de produção dos edifícios, e do tecido urbano no qual se inserem. A última etapa na elaboração dos tipos é a conjugação das classificações das três componentes, buscando um reagrupamento a partir da exclusão de características tipológicas que possam se apresentar como irrelevantes ao contexto geral.



### 3 CINELÂNDIA: BREVE HISTÓRICO

A área hoje conhecida como Cinelândia remonta ao Largo da Mãe do Bispo, localizado no sopé do antigo Morro do Castelo, núcleo primitivo de ocupação da Cidade do Rio de Janeiro. No início do século XVIII, a cidade confinava-se entre quatro promontórios, entre eles o Castelo ladeado pelo caminho da Ajuda, no qual surgia, fora do núcleo urbano, o Largo da Mãe do Bispo. Em fins do mesmo século, nas proximidades do Convento da Ajuda é aterrada a Lagoa do Boqueirão, e em seu local, construído o Passeio Público, primeiro jardim público da colônia. No século XIX, com a presença da Corte Portuguesa, o entorno do Passeio Público configura-se como um núcleo de moradias para a alta sociedade.

No início do século XX, o Centro da Cidade com suas estreitas vielas e diversos morros, apresentava uma aparência colonial. Tal imagem não era compatível com os ideários da recém-proclamada República, portanto, com a ideia de transformar a capital nacional em uma metrópole de características europeias, o Governo Federal articulado ao então prefeito Pereira Passos, promoveu a abertura da Avenida Central (atual Av. Rio Branco). A arquitetura proposta seguia o estilo *beaux-arts*, culminando num centro cívico localizado no antigo Largo da Mãe do Bispo. No novo espaço, posteriormente intitulado de Praça Floriano, foram implantadas edificações de monumentais proporções, tais como o Theatro Municipal, a Biblioteca Nacional, e o Palácio Monroe.

A área sofre novas transformações com a demolição do Convento da Ajuda, sendo substituído por uma nova tipologia arquitetônica na cidade: os elegantes arranha-céus de habitação coletiva. Numa iniciativa do empreendedor espanhol Francisco Serrador, a Praça Floriano configuraria uma espécie de *Times Square* Carioca, comportando cinemas, restaurantes e a habitação para a elite. Os terrenos ganharam o nome de Quarteirão Serrador, e seus cinemas conferiram à área o popular nome de Cinelândia. Usando primeiramente de uma linguagem arquitetônica inspirada nos cânones clássicos, a rica ornamentação eclética mesclava-se à modernidade dos arranha-céus. A partir da década de 1930, com uma linguagem inspirada nas linhas geométricas do estilo *art-déco*, esses arranha-céus vão ocupar terrenos nas vizinhanças do Quarteirão Serrador, como a rua Senador Dantas (aberta em fim do século XIX).

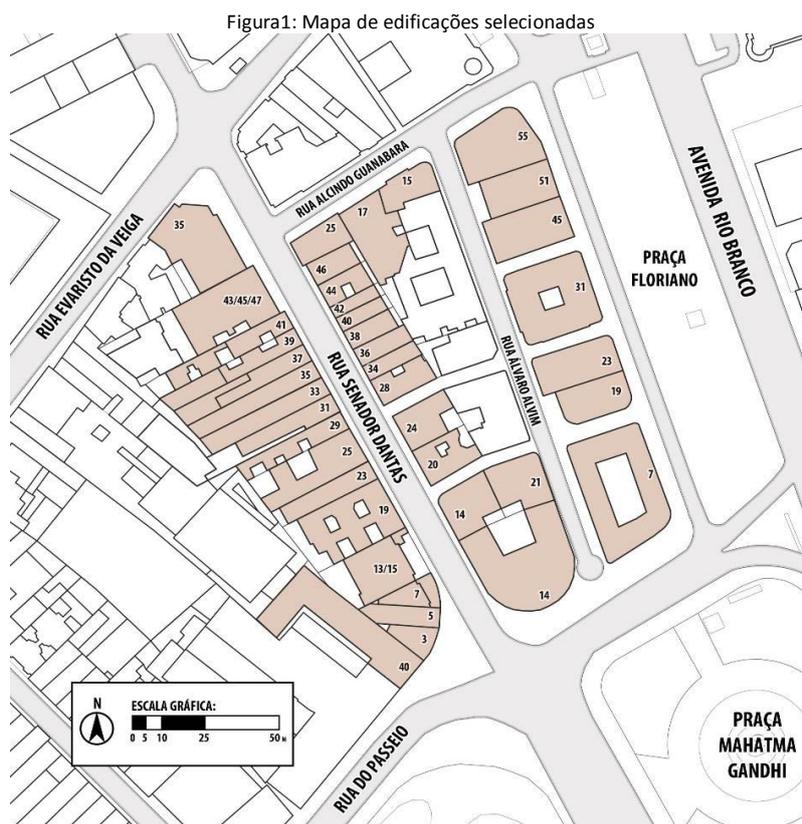
Na década de 1970, a cidade passa por obras para construção da rede de metropolitanos, tendo na Cinelândia uma de suas cinco primeiras estações. Em meio ao eixo da linha metroviária estava o Palácio Monroe, salvo momentaneamente da demolição por um desvio no traçado da rede em questão. O imóvel não fora preservado junto aos demais edifícios monumentais da *belle époque* carioca, que ganharam tombamento federal pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional) em 1973. O desvio na linha metroviária não impediu sua demolição em 1976, e a antiga Avenida Central perdia mais um de seus exemplares. Continuava desprotegida toda a arquitetura menor que fazia a costura entre os monumentais destaques da paisagem.

Com o objetivo de proteger o acervo arquitetônico, histórico e ambiental do Centro da Cidade, o Projeto do Corredor Cultural (1979), ecoando conceitos da conservação integrada sistematizada na Declaração de Amsterdã de 1975, reconhecia o conjunto urbano e a sua ambiência, no qual o valor patrimonial era encontrado no ritmo das edificações que o compunham, em contraponto ao valor individual das construções singulares protegidas pelos processos de tombamento. A proposta consistiu em proteger e recuperar o conjunto arquitetônico antigo, e orientar a inserção de novas construções através de normas e legislações. Entre as áreas contempladas pelo projeto estava a Cinelândia, e seu êxito na

preservação urbana pode ser verificado no Quarteirão Serrador. Seus arranha-céus da década de 1920 estavam ameaçados pela renovação arquitetônica, com dois de seus edifícios sendo demolidos em fins da década de 1970. Em seu lugar, duas torres com quase 100 metros de altura surgiram na Praça Floriano, e suas empenas cegas indicavam que as demais edificações do conjunto estavam fadadas a demolição. A oficialização do Corredor Cultural, em 1984, pôs fim a essa tendência, preservando os arranha-céus do Quarteirão Serrador, posteriormente tombados pela esfera municipal como integrantes do Conjunto Arquitetônico da Cinelândia (1989). No caso de uma eventual demolição das torres, o Corredor Cultural estipulou para as futuras construções um novo gabarito compatível ao conjunto urbano preservado, que ainda vigora na estruturação da forma urbana da área.

#### 4 ANÁLISE TIPOLÓGICA DA CINELÂNDIA

Para demonstrar a aplicação do método proposto, foi realizada uma seleção das edificações existentes na Cinelândia, num total de 40 exemplares (Fig. 1). Referentes ao conjunto edificado situado entre a Rua Senador Dantas e a Praça Floriano, esta é uma amostra representativa de sua rica variedade tipológica.



Iniciando a aplicação com a análise da forma das edificações, estudou-se seus lotes urbanos. Foram reconhecidos como predominantes, os pequenos lotes com formato retangular, com frente única de estreita testada, ao longo da Rua Senador Dantas. Lotes de maiores dimensões são verificados na Praça Floriano.

A próxima etapa na análise da forma das edificações está em sua implantação nos lotes urbanos. Destaca-se o agrupamento de edificações com algum tipo de recuo frontal, seja este

em relação à testada de seu lote ou ao alinhamento predominante da via na qual este se insere. Estes casos evidenciam as mudanças nos alinhamentos das vias, como no caso do novo alinhamento proposto para a Rua Senador Dantas na década de 1930, verificados a partir do PAA nº 2878 de 1937. (Fig. 2)

Figura 2: Perspectiva do lado ímpar da R. Senador Dantas.



O último critério desta componente é a análise volumétrica das edificações. Realizada sem dissociá-la do seu conjunto, o volume aparente é o elemento a ser caracterizado, produzindo cinco agrupamentos, tais como: os estreitos e pequenos blocos edificados dispostos ao longo Rua Senador Dantas; o conjunto de médias dimensões da Praça Floriano; os robustos blocos de grandes dimensões do trecho inicial da Rua Senador Dantas; e as duas recentes torres esguias da Praça Floriano.

Estes três critérios analisados foram condensados, e produziram as classificações Tipo-Forma (Fig. 3 e 4), na qual se destacam o Tipo-Forma 1, representando as edificações com volume em bloco edificado de pequenas dimensões, situados em frente de lotes com uma única e estreita testada, e Tipo-Forma 3, cuja volumetria em blocos edificados de médias dimensões está implantada em frente de lotes com pelo menos uma ampla testada, sem qualquer tipo de recuo.

Figura 3: Maquete Eletrônica do Tipo-Forma

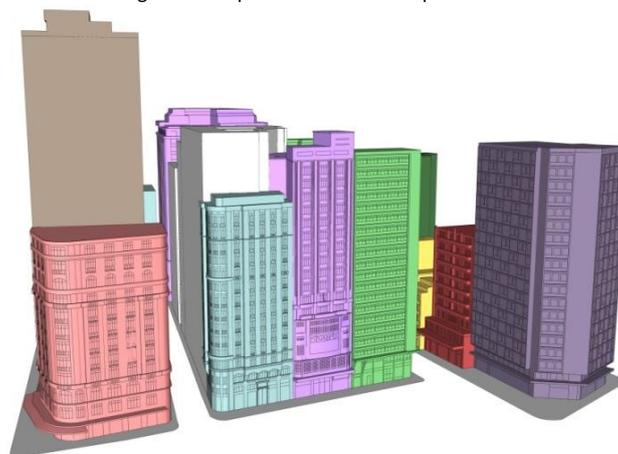
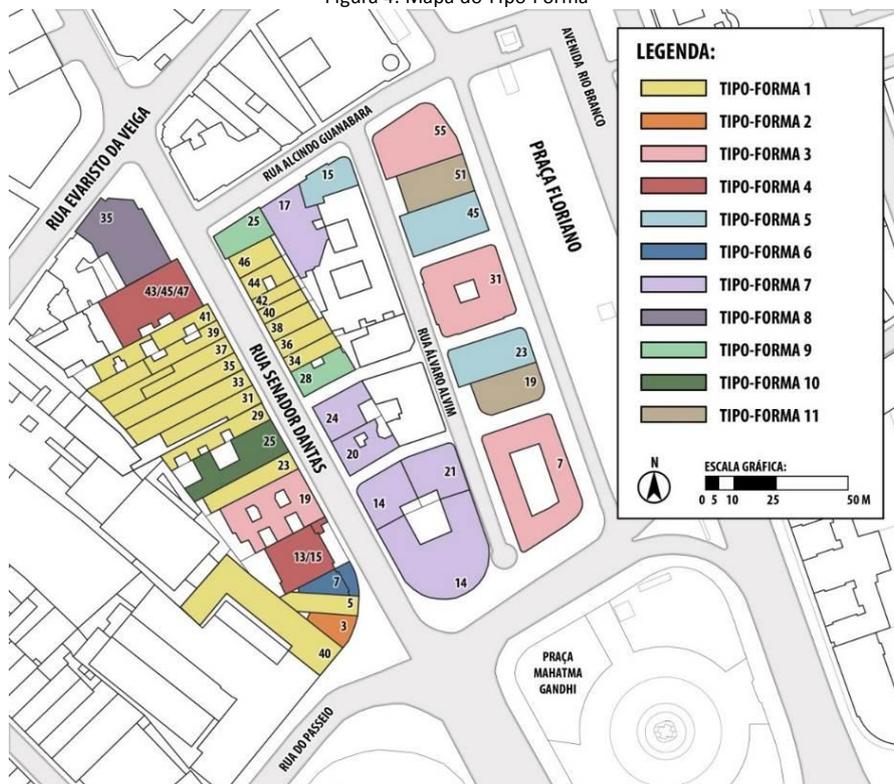


Figura 4: Mapa do Tipo-Forma



O elemento máximo das análises propostas pelo método é o conjunto edificado, e com ele inicia-se a leitura do espaço urbano pela componente da imagem. A análise da relação entre edificações e o conjunto urbano do entorno gerou cinco agrupamentos. O primeiro dos agrupamentos (Fig. 5 e 6) é referente ao conjunto edificado de pequeno porte encontrado ao longo dos dois lados da Rua Senador Dantas. O segundo agrupamento (Fig. 7) vai englobar o conjunto edificado de médio porte do Quarteirão Serrador. O terceiro grupo (Fig. 8) corresponde ao conjunto edificado de grande porte encontrado no trecho inicial da Rua Senador Dantas, cujas origens remontam a década de 1940. No trecho final da Rua Senador Dantas, outro conjunto edificado de grande porte é encontrado (Fig. 9), mais representativo de uma tipologia predominante fora da seleção realizada para análise. O último agrupamento (Fig. 10) concentra as duas esguias torres da Praça Floriano.

Figura 5: Agrupamento 1 – Pequeno Porte.

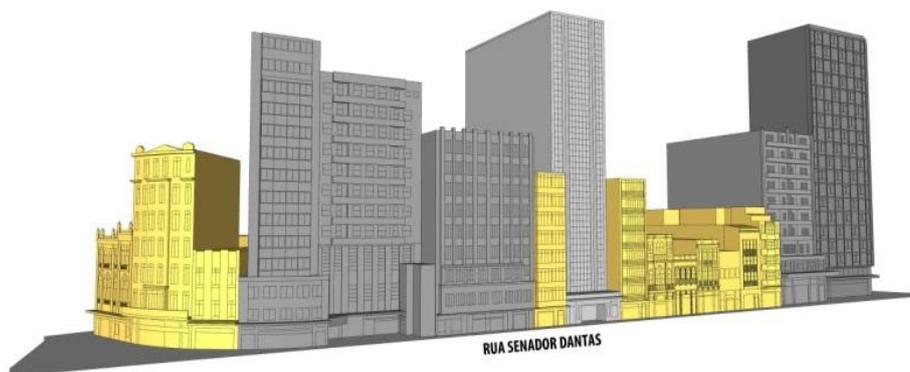


Figura 6: Agrupamento 1 – Pequeno Porte

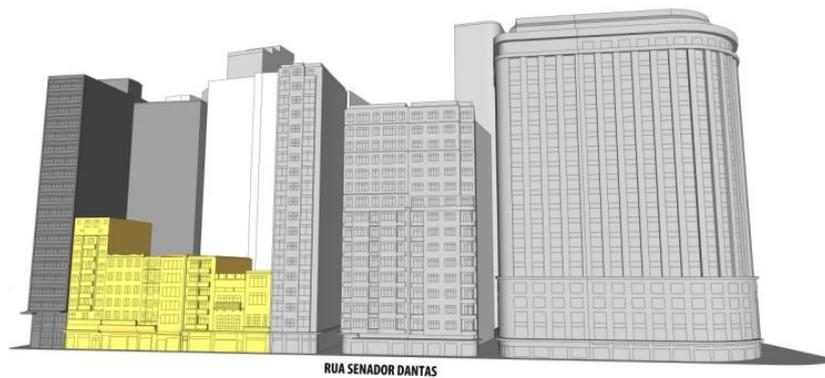


Figura 7: Agrupamento 2 – Médio Porte

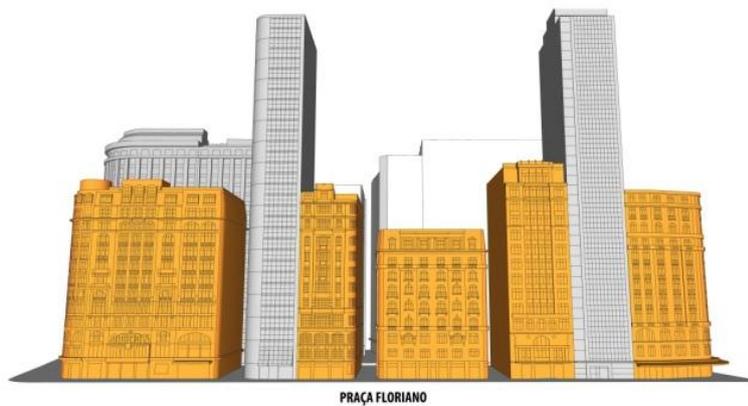


Figura 8: Agrupamento 3 – Grande Porte

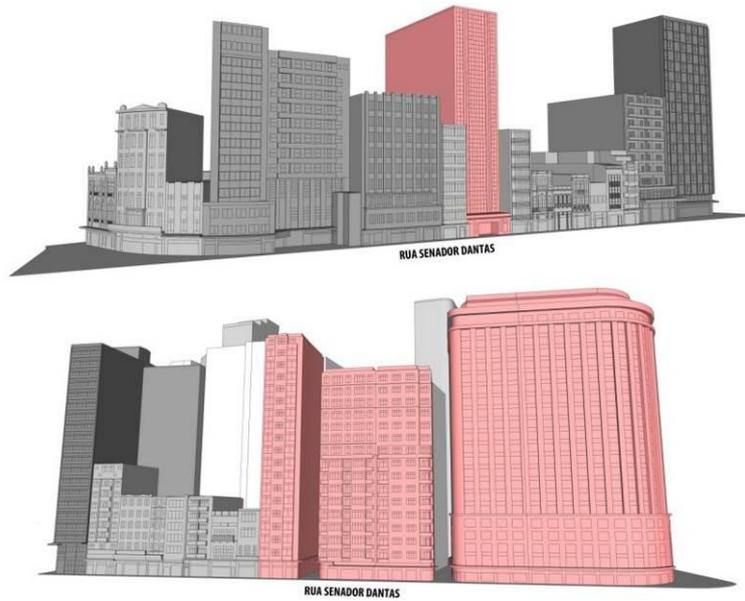


Figura 9: Agrupamento 4 – Grande Porte

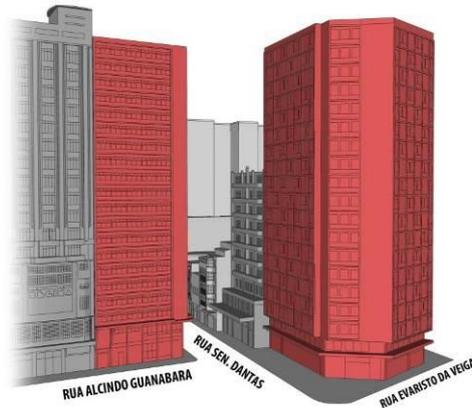
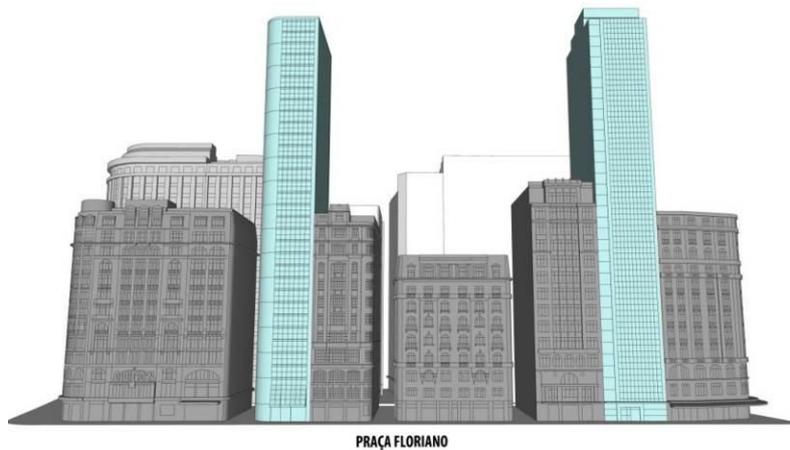


Figura 10: Agrupamento 5 – Torres Esguias



Na tentativa de reconhecer a variedade no conteúdo imagético das edificações da Cinelândia, as etapas seguintes focam o ritmo e o vocabulário arquitetônico de suas fachadas. A primeira destas, referente ao ritmo que as fachadas revelam ao observador, tem como critérios para análise o formato dos seus vãos, e o desenho que estes compõem. Destaca-se o agrupamento composto por edifícios cujas fachadas possuem por vãos estreitos, estruturados num ritmo de predominância vertical.

O estudo da linguagem arquitetônica das fachadas que evidencia questões estéticas e construtivas é o último critério analisado da componente. Na área analisada foram encontrados exemplares de linguagem acadêmica e ornamentada, tanto em pequenas construções tradicionais quanto nos arranha-céus da década de 1920. A simplicidade se destaca com exemplares de fachadas compostas por panos sequenciais de janelas ou revestidos por panos envidraçados. Além destes, a área também apresenta edifícios com grande descaracterização em suas fachadas.

Estes três critérios produziram as classificações Tipo-Imagem (Fig. 11 e 12), na qual se destaca o Tipo-Imagem 5. Ele engloba as edificações que compõem o conjunto de médio porte na área, cuja fachada apresenta traços de uma arquitetura acadêmica e ornamentada.

Figura 11: Mapa de Tipo-Imagem

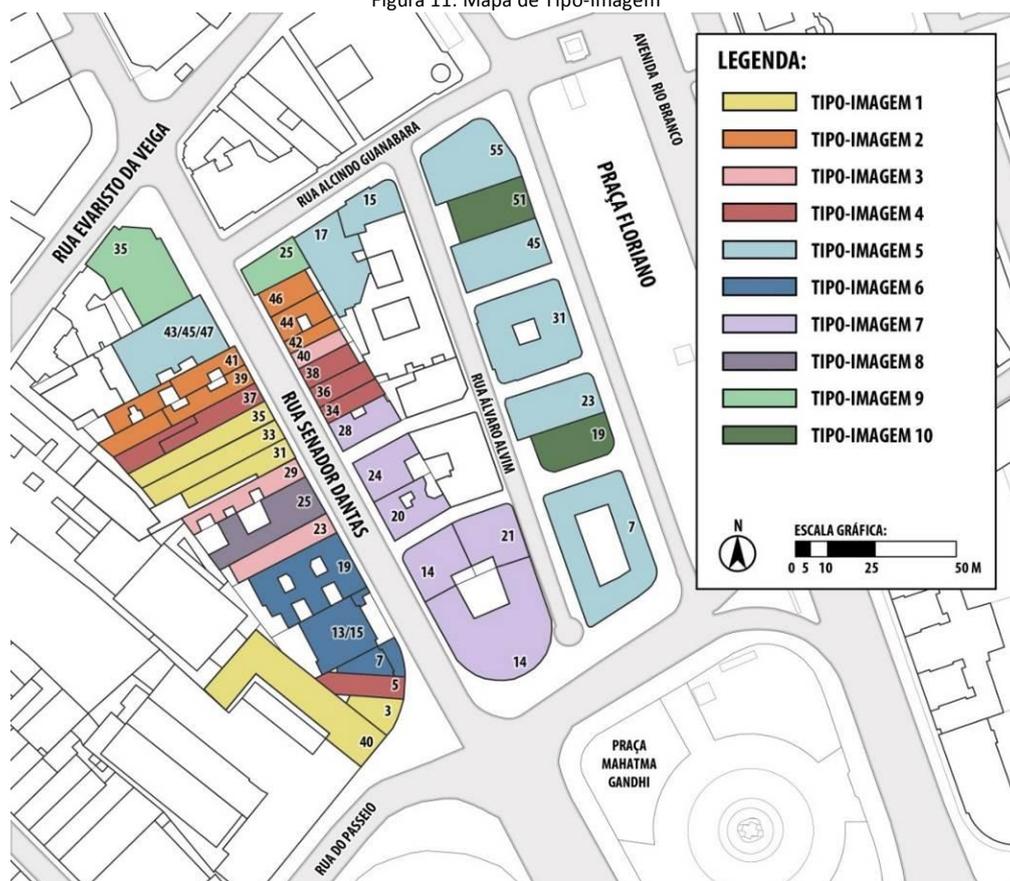
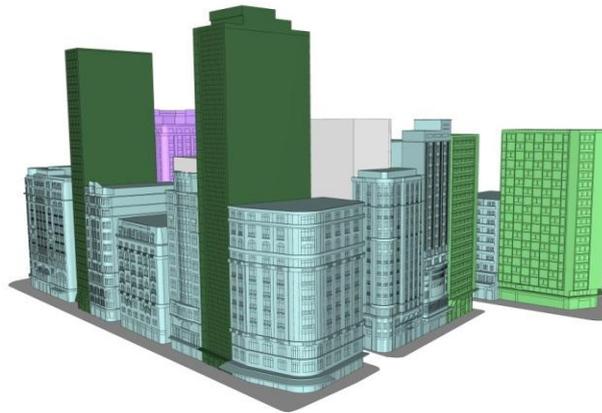
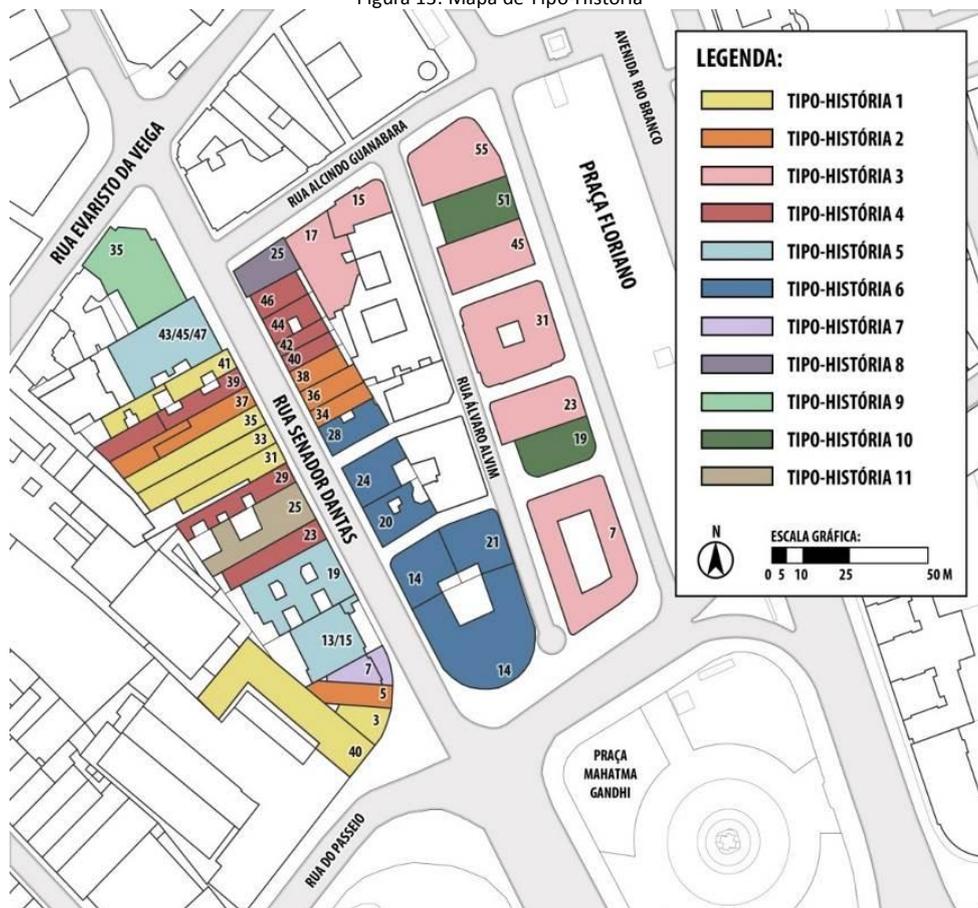


Figura 12: Maquete Eletrônica de Tipo-Imagem



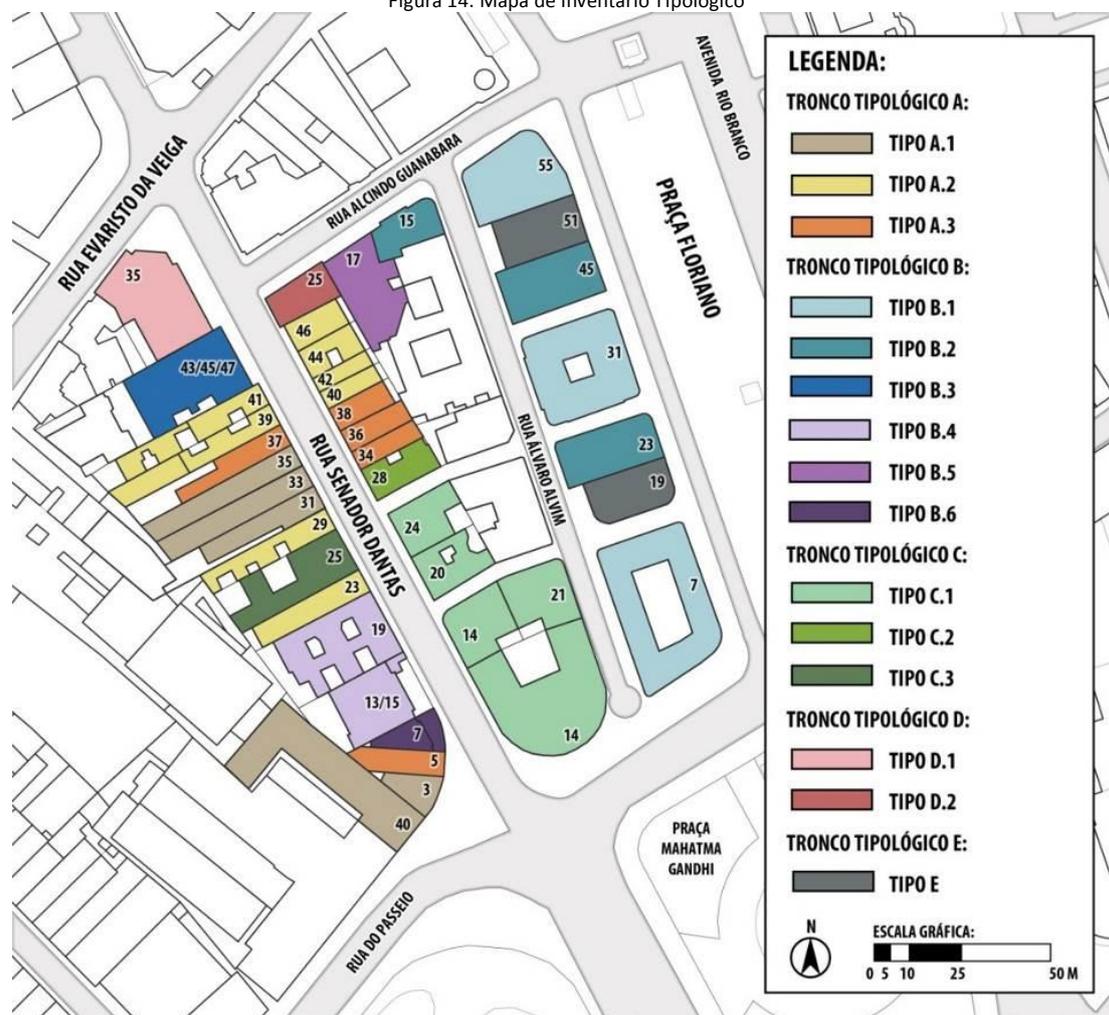
A última componente de análise do espaço urbano, a história, tem grande peso na decodificação da forma das cidades. Foram associados os momentos de produção de cada edifício com os tempos do tecido urbano que o suportam, gerando as classificações Tipo-História (Fig. 13). O Tipo-História 3 é o de maior representatividade, correspondente aos modernos arranha-céus das décadas de 1920 e 1930 que surgiram com o tecido urbano do Quarteirão Serrador.

Figura 13: Mapa de Tipo-História



A aplicação do método se encerra com a produção do inventário tipológico (Fig. 14) que articula as três componentes de leitura do espaço urbano – forma, imagem e história. No caso da Cinelândia, as leituras empreendidas embora tenham verificado uma pluralidade de formas, permitiram reconhecer uma similaridade entre certas tipologias identificadas. Logo, os conceitos de Caniggia (1979/1995) acerca de troncos tipológicos, nos quais tipos derivados compõem uma família de variantes a partir de um grupo em comum, parecem ser pertinentes à aplicação deste inventário. O critério arbitrado para definir estes troncos foi a relação da edificação com o conjunto edificado, permitindo que as variantes tipológicas sejam obtidas a partir de uma leitura generalizada, que se ramifica a partir da análise de particularidades. Com base nesse critério, foram estabelecidos cinco troncos tipológicos: A, B, C, D e E.

Figura 14: Mapa de Inventário Tipológico



O tronco tipológico A (Fig. 15, 16 e 17) é representativo do conjunto de pequeno porte encontrado ao longo da Rua Senador Dantas. O Tipo A.1 representa as edificações com linguagem acadêmica. O Tipo A.2 engloba os edifícios cujas fachadas são compostas por simples sequências de janelas. Já o Tipo A.3, é reservado para aqueles edifícios descaracterizados.

Figura 15: Tipo A.1

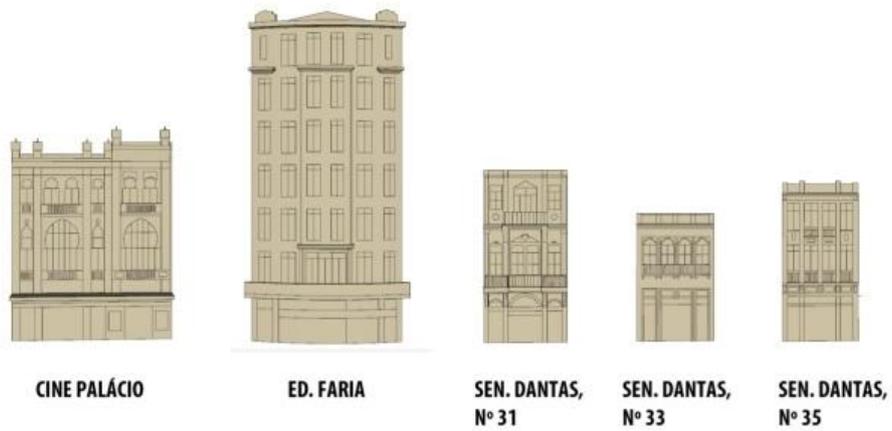


Figura 16: Tipo A.2

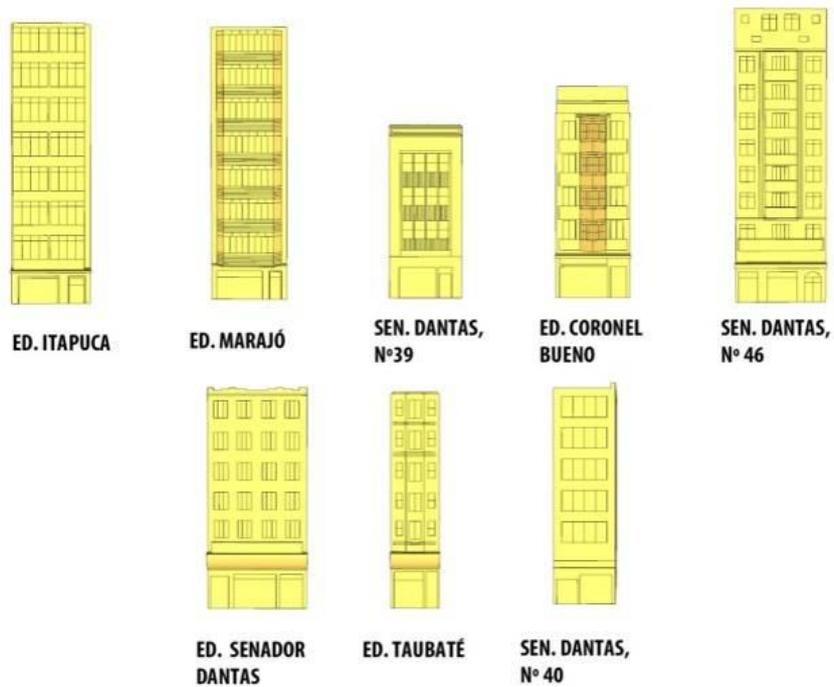
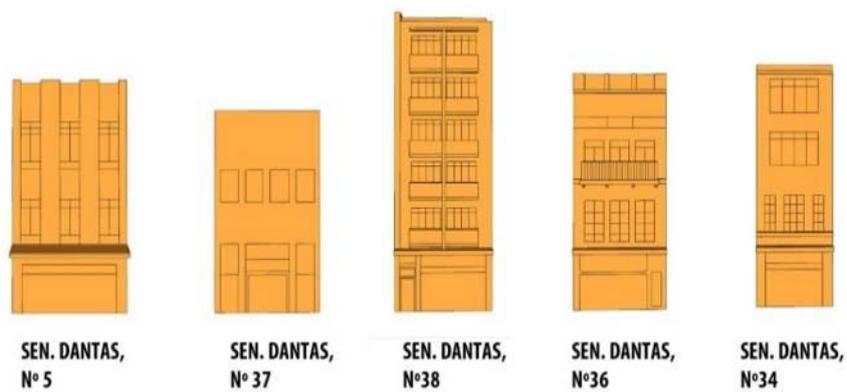


Figura 17: Tipo A.3



O Tronco B (Fig. 18, 19 e 20) abarca o conjunto edificado de médio porte, característico do Quarteirão Serrador. O Tipo B.1 apresenta volume em blocos robustos, com presença de elementos acadêmicos às construções modernas da década de 1920. O tipo B.2 é uma variante do anterior, com volume mais esbelto.

Figura 18. Tipo B.1

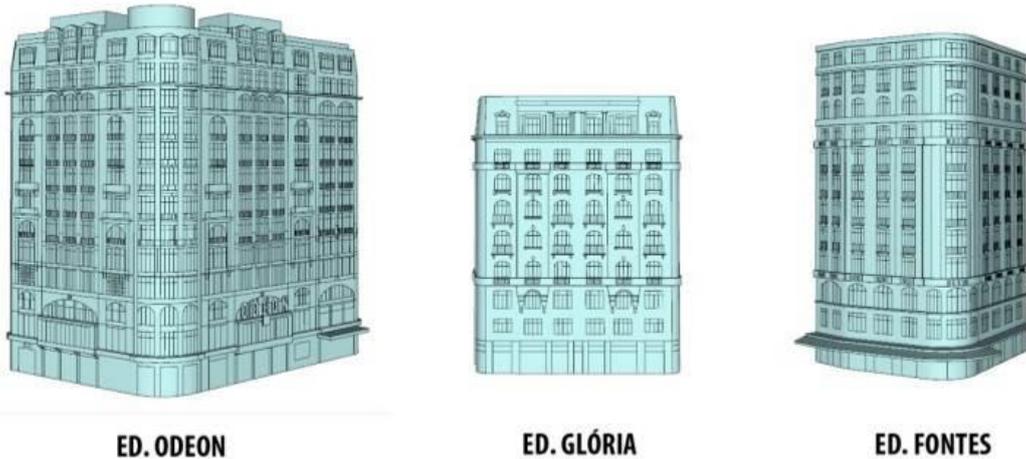
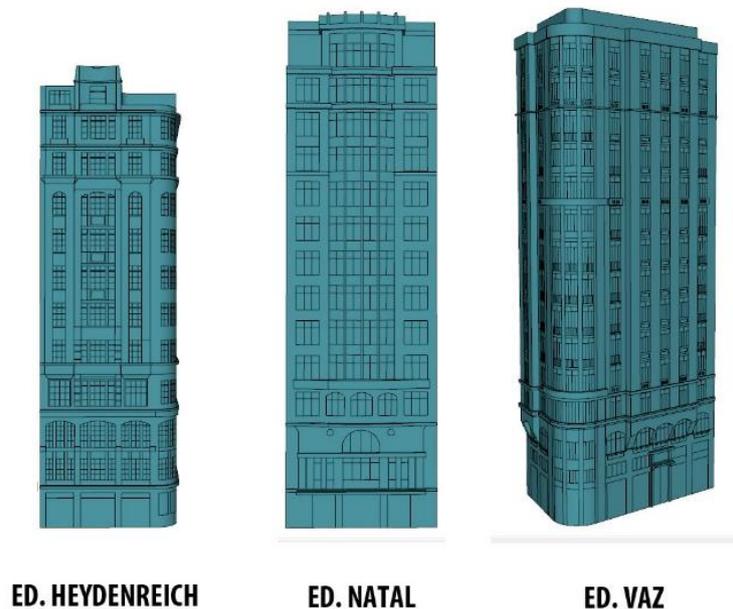
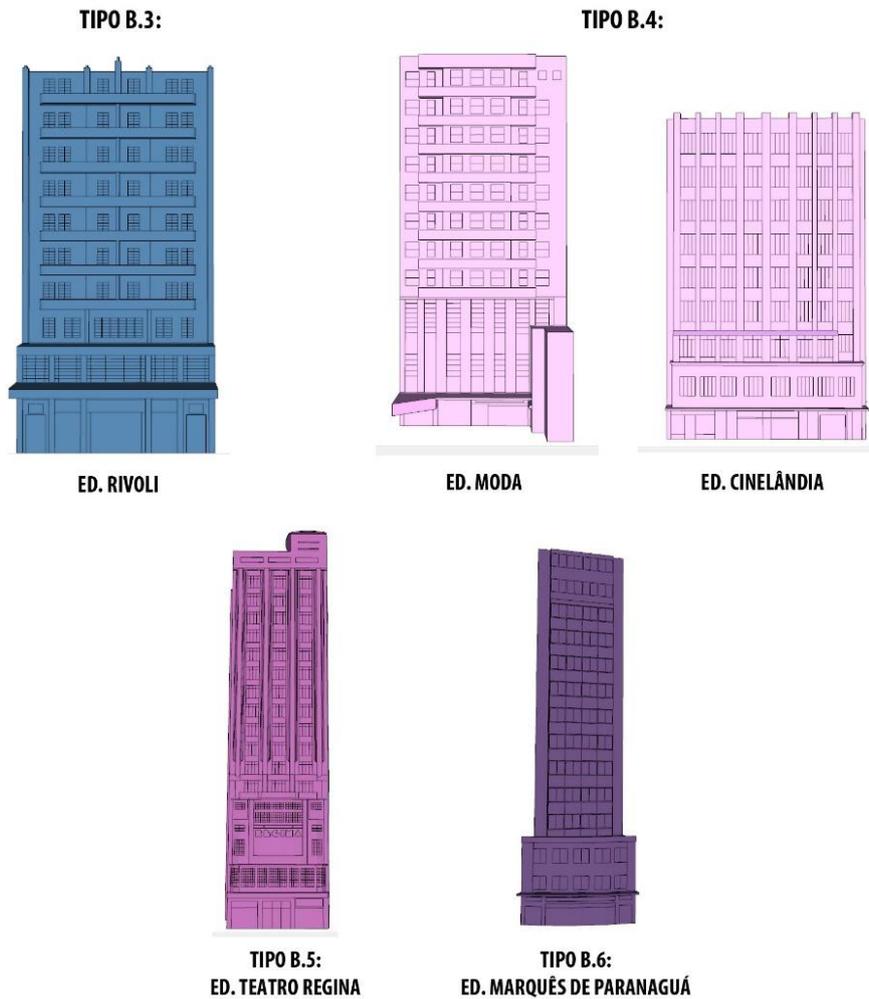


Figura 19: Tipo B.2



O tipo B.3 é outra variante, mais tardia, da década de 1930. O tipo B.4 é similar ao anterior, contudo substitui o rebusque dos elementos acadêmicos por um pano de seqüencial de janelas. O tipo B.5 é representado pelo Teatro Regina, que supera em altura os demais edifícios do tronco B. E o tipo B.6 é a construção mais recente do tronco, de fins da década de 1940, situado em lote de formato triangular.

Figura 20: Tipos B.3, B.4, B.5 e B.6.



O tronco C (Fig. 21 e 22) representa o conjunto edificado de grande porte no trecho inicial da Rua Senador Dantas. O tipo C.1 é predominante, com volumetria em blocos robustos, construídos na década de 1940 com fachada revestida por um pano sequencial de janelas.

Figura 21: Tipo C.1.

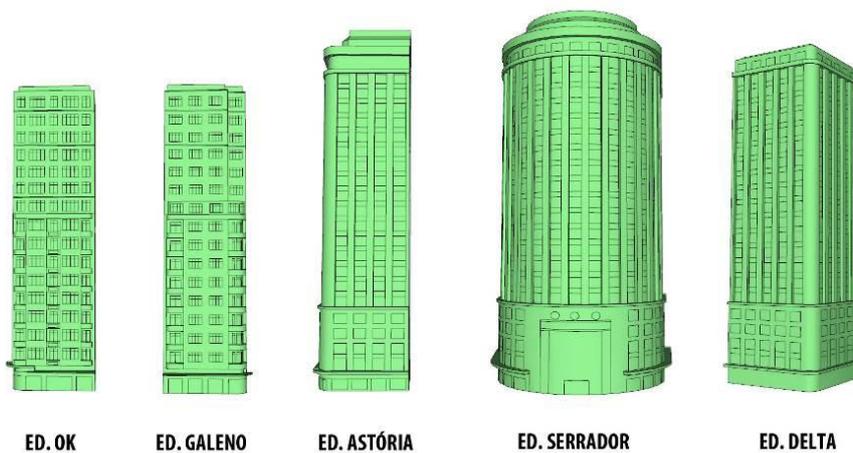
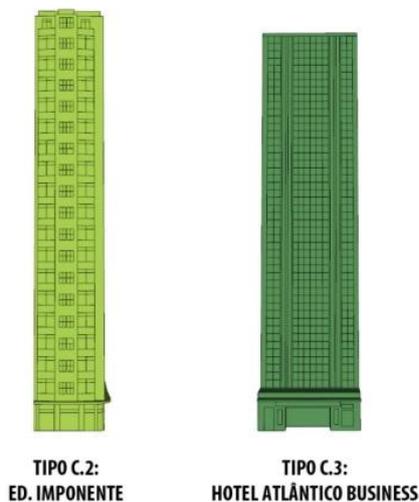
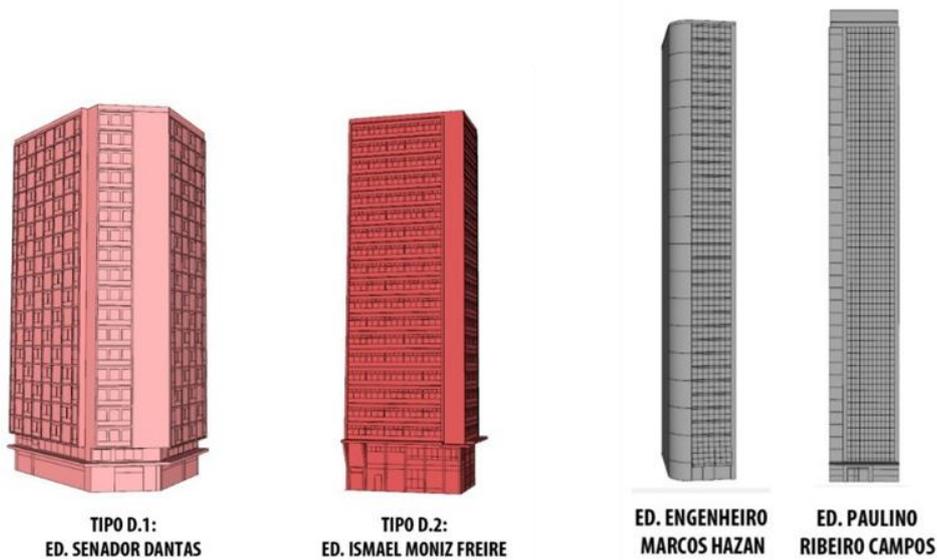


Figura 22: Tipos C.2 e C.3.



O tronco D é representado pelas duas edificações pertencentes ao conjunto de maior porte do trecho final da Rua Senador Dantas, com construção na década de 1950, e uma característica linguagem moderna. Já o Tronco E representa um único tipo, o das esguias torres com fachada em pano envidraçado situados à Praça Floriano. (Fig. 23)

Figura 23: Tipos D e E.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O método funcionou como uma guia de questionamentos, buscando uma transição entre escalas, e um contínuo processo de análise e síntese das informações. A aplicação comprovou as impressões acerca da área, confirmando a pluralidade tipológica na Cinelândia. Com relação ao inventário tipológico, ele é síntese das características que conferem identidade à área analisada. O emprego desta análise na inserção de novos edifícios contextualizados poderia ser



empregado na substituição dos imóveis não tombados e descaracterizados da Rua Senador Dantas, ou em futuras propostas arquitetônicas no lugar das empenas cegas das esguias torres da Praça Floriano. Esta proposta buscaria recuperar a ambiência do já tombado Conjunto Arquitetônico da Cinelândia, através de uma produção contemporânea que contemplasse o ritmo da área preservada.

## REFERÊNCIAS

- CANIGGIA, G.; MAFFEI, G. L. *Tipologia de la Edificación: estructura del espacio antrópico*. Madrid: Celeste Ediciones, 1995.
- CULLEN, G. *Paisagem urbana*. Lisboa: Edições 70, 2008.
- KOSTOF, S. *The City Shaped: Urban Patterns and Meanings Through History*. New York: Bulfinch Press, 1993. 352 p.
- LAMAS, J. M. R. G. *Morfologia urbana e desenho da cidade*. 5 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.
- MONEO, R. *On Typology*. In: *Oppositions*. Cambridge: MIT Press, nº 13, p. 23-45, verão 1978.
- PANERAI, P. *Análise Urbana*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.
- PEREIRA, R. B.. *Arquitetura, imitação e tipo em Quatremère de Quincy*. São Paulo, 2008. 357 f. Tese (Doutorado - Área de Concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2008.
- ROSSI, A. *A Arquitetura da Cidade*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.